



## APRESENTAÇÃO

### ***OUTRAS LÍNGUAS AO VIRAR DO ROSTO: VOZES PLURAIS***

O mundo contemporâneo, especialmente os centros urbanos, tem sido transconstruído por uma caleidoscópica diversidade de sujeitos / comunidades / línguas / linguagens / contextos. O multilinguismo, assim, tornou-se inevitavelmente evidente como um aspecto constitutivo de muitas realidades socioculturais.

Este dossiê, proposto por nós em nome da *CÁTEDRA UNESCO EM 'POLÍTICAS LINGUÍSTICAS PARA O MULTILINGUISMO'* (<http://www.unescochairlpm.org>), busca discutir cenários envoltos em multilinguismo em diferentes esferas da vida: no ensino; na tradução e acessibilidade; nos transculturalismos; nas políticas de língua; nas migrações e mobilidade; nos territórios e fronteiras; na internacionalização, na globalização e na superdiversidade; nas tecnologias de informação...

Nós da Cátedra, assumindo a responsabilidade de discutir o multilinguismo no mundo, abrimos um espaço de interlocução entre experientes e jovens pesquisadores ao redor do globo ao criar, neste número da *Diadorim*, um fórum de intercâmbio para a construção de conhecimentos.

É também grandemente responsável pela organização e natureza dessa publicação o meu posicionamento geográfico-simbólico em Macau, resultado da minha história de mobilidades em contextos socioculturais, políticos e linguísticos diferentes.

Quando cheguei à Região Administrativa Especial de Macau (RAEM) em 2005, entrei em contato com famílias de países de língua portuguesa cujas crianças, sobretudo, viviam e vivem uma intensa circulação em diferentes textos / contextos / discursos e, por isso, experimentavam e experimentam o mundo ancoradas (ou desancoradas) em muitas comunidades / culturas / línguas de uma maneira cotidiana. Falar ou, pelo menos, ouvir muitas línguas era e é parte da experiência diária desses jovens.

Descobri mais tarde que os que seriam meus alunos no Departamento de Português da universidade – com as suas várias culturas chinesas e de outras comunidades asiáticas – também viviam e vivem uma experiência cotidiana envolvida em multilinguismo: era e é raro haver um aluno universitário que não construísse e construa as suas realidades com ao menos duas línguas chinesas e o inglês.



Mas queria destacar aqui um fenômeno especial: em um dos primeiros encontros com brasileiros que viviam na RAEM, conheci uma família brasileira cujo filho havia nascido em Macau. O fenômeno que estava diante de mim era o fato de que, na mesa de jantar, quando o menino se virava para um lado – onde havia portugueses – ele falava o que costumamos identificar – na base da intuição – de português de Portugal. Quando se virava para o outro lado, onde havia brasileiros, a sua fala mudava para o que – também na base da intuição – chamamos de português do Brasil.

Este foi um fato que me chamou a atenção porque, enquanto adultos desprenteciosos, dizemos que falamos uma mesma língua portuguesa, mas para esta criança isto absolutamente não era uma verdade. A criança encarava o português brasileiro e luso como duas línguas, assim como, no mesmo jantar, falava cantonês com os amigos chineses presentes e ainda inglês com outros convidados. Sim, era uma criança falante e, sim, era um espaço elaborado na transculturalidade: uma mesa de jantar multilíngue (e interlíngue) na qual se criavam contextos diferenciados a um virar de rosto. Esta microcena, todavia, não é um cenário generalizável nem em Macau nem na maioria dos espaços de interação do mundo: as línguas que performatizam (ou que podem performatizar) ações sociais sofrem um processo de hierarquização que excluem desses cenários muitas línguas (e linguagens) criadas pelas comunidades que aqui coabitam; os sujeitos, assim, são desmotivados a desenvolver o que tem sido chamado de multilinguismo individual apesar do explícito multilinguismo da cidade; e, mesmo em português, a escolha de uma específica língua portuguesa como a única e legítima – especialmente em ambientes de ensino – apaga todas as outras todas que andam soltas, pulsantes e evidentes na construção da cidade.

Face a este fenômeno, apontamos que, em geral, a realidade multilíngue é tomada a partir unicamente da existência das tradicionalmente chamadas línguas, conceituadas como blocos isolados. Entretanto, explora-se pouco um multilinguismo que vivemos em uma “mesma língua”, como o exemplo que dei acima. Esse fenômeno já foi descrito com termos como registros, variedades, dialetos; são conceitos que, se servem a um tipo de reflexão descritiva sobre o que chamamos de “língua”, são também obscurecedores do fato de que constituem retratos socioculturais que, por um lado, comungam contextos socioculturais e, por outro, criam ambientes muito diversos nem sempre mutualmente compreensíveis. Consideramos que registros, variedades, dialetos são, em perspectiva cultural, línguas diferentes aprendidas no processo de socialização, de que lançamos mão como repertórios e recursos em diferentes ambientes de interação. É nesse sentido que entendemos haver um multilinguismo, digamos ainda não assumido, nos diferentes contextos linguísticos que acabamos por homogeneizar e ignorar ao tratarmos essas diferenças simplesmente como partes de uma mesma língua. O reconhecimento dessas “línguas” todas, acreditamos, pode ser uma ferramenta iluminadora para lidar com elas, por exemplo em termos de ensino, já que a valorização desses falares concorre para a invenção de ações mais inclusivas nas práticas educativas e sociais. Entretanto, tais perspectivas ainda não fazem parte efetiva do imaginário dos sujeitos e comunidades em geral nem dos profissionais que lidam com o ensino ou mesmo com a descrição da língua em

contextos diferentes.

Percorrer essas searas de reflexões é assumir o contexto como constituidor dos sistemas linguísticos (independentemente de como sejam categorizados: línguas, dialetos, falares, registros...) que revelam e constroem diferentes dinâmicas no processo de inventar as realidades.

Estas realidades interseccionadas, segmentadas ou transconstruídas, que precisam ser evidentes para todos nós num virar de rosto, são o lugar que motiva a produção dos artigos e da tradução aqui apresentados.

## AS CONTRIBUIÇÕES DO VOLUME

Um conjunto de catorze artigos e uma tradução performatizam este volume da *Diadorim*. Muitas vozes soam aqui e muitas propostas para mais vozes ressoarem são também apresentadas. São muitas comunidades, são muitas línguas, são muitas culturas que, em sua maioria, apenas coabitam sem o conhecimento da existência do(s) Outro(s). Em muitos espaços, caminha-se para a feroz subjugação e extermínio de línguas, noutros podemos testemunhar ações de resistência, em todos se revelam dinâmicas que nos podem ensinar sobre como as comunidades sinalizam formas de aprender a conviver umas com as outras... Identidades, globalização, língua como repertório, como recurso, (pós/neo)colonialismo, estratégias discursivas de ensino, línguas em contato, língua de herança, ciberespaço, projetos, projeções, pós-método, conquistas, lutas e diferentes conceituações de multilinguismo são pontos visitados pelos artigos; e, por serem lugares multissêmicos e, portanto, desestabilizadores, apontam ainda para outros e necessários conceitos como plurilinguismo, interlinguismo, translinguismo, superdiversidade, epistemologia de fronteiras, pluricentrismo...

Os textos são de leitura fluente e fácil porque se pretendem democratizadores de conhecimentos para gerar novos conhecimentos e estudos. Para facilitar sua leitura, agrupamos os artigos em seções. Entretanto, uma leitura linear ou uma leitura aleatória mostrará que os trabalhos se iluminam mutuamente e se frequentam em conceitos e perspectivas.

### **Circulação e apagamento de vozes**

Na primeira seção da revista, agrupamos dois artigos preocupados com a circulação e apagamento de vozes no espaço multilíngue de Macau e da China.

O artigo que abre o dossiê propõe uma discussão indispensável sobre uma das características mais funestas das relações entre línguas-comunidades no mundo: a hierarquização que valoriza umas línguas, ostraciza outras, discrimina umas tantas, ignora ainda várias, criando assim um ambiente em que sujeitos-comunidades-línguas voltam as costas uns para os outros. “Não pertencimento, abandono e orfandade” são categorias que descrevem várias consequências provenientes dessa hierarquização que constrói desigualdades pela interdição de vozes. Neste contexto, Monica Simas, em *A literatura no contexto multilíngue de Macau: não pertencimento, abandono e orfandade*, recupera vozes literárias em diferentes línguas que ficaram de fora daquilo que algumas iniciativas conservadoras tentaram estabelecer (em uma única língua

apenas) como Literatura de Macau. Ter acesso à diversidade de autores / línguas / culturas ajuda a ficcionar / realizar as realidades de uma forma fecunda para entender dinâmicas humanas que se constituem em espaços multilíngues.

De Macau para a China, como símbolo das intensas, mas ainda pouco exploradas, relações sinobrasileiras, Júlio Jatobá, em *Planejamento linguístico familiar na diáspora brasileira: considerações sobre a comunidade brasileira em Dongguan, China*, discute o potencial apagamento de vozes no ambiente multilíngue chinês. O autor aponta para a dificuldade de as comunidades brasileiras, acolhidas no sul da China, criarem iniciativas reconhecidas oficialmente para promover o português como língua de herança junto aos seus filhos. A ausência de políticas linguísticas incentivadoras tanto no país de acolhimento quanto no de origem concorre para que surjam ações de resistência engendradas pelos encarregados de educação que criam uma rede de conexões nas quais buscam soluções para garantir o acesso à língua e cultura do Brasil.

### **Ameaça e preservação de línguas: atitudes linguísticas**

Os próximos cinco artigos lidam mais diretamente com as fricções entre línguas em contextos coloniais e neocoloniais. Questões fundamentais giram em torno do complexo processo de preservação de línguas em contato com outras que, hegemônicas, ameaçam as demais, mas também provocam ações de resistência.

No contexto Africano, Gabriel Antunes Araujo, em *Portuguese language expansion in São Tomé and Príncipe: an overview*, desvenda um conjunto de engrenagens ideológicas responsáveis pela configuração sociolinguística em São Tomé e Príncipe que posicionou a língua portuguesa em um lugar hegemônico e totalitário. O autor argumenta que a construção histórico-colonial e neocolonial do português, empreendida por políticas linguísticas oficiais e concretizadas pela difusão do português através do ensino e das mídias por exemplo, construíram a língua como um elemento de unificação do país, fato que, como consequência, vem destruindo a diversidade linguística de São Tomé, como dados de censos recentes parecem indicar.

Na contramão do que Araujo apresenta, em *Language vitality and transculturalization of European immigrant minorities: Pomeranian in Brazil*, Monica Maria Guimaraes Savedra, mostrando o percurso do Pomerano da Alemanha para o Brasil, busca empoderar esta língua de imigração ao propor “uma alfabetização bilíngue português-pomerano”. Conceitos como transculturalidade, pertencimento, autoctonicidade e territorialidade ajudam a defender a ideia do engendramento de sujeitos bi-plurilíngues por conta da vitalidade desta língua de imigração que a autora caracteriza tanto como neo-autóctone quanto como de herança. Esta pluralidade de categorizações evidencia o contexto como referencial medular para entender as dinâmicas entre as línguas nesse contexto brasileiro.

Com base em uma investigação com jovens estudantes de uma cidade brasileira, Patrícia Graciela da Rocha e Fabiana Biondo, em *Multilinguismo e atitudes linguísticas de estudantes de Miranda-MS*, traçam um panorama de como os idiomas que circulam nessa região multilíngue são percebidos por esses jovens falantes. É um outro artigo que, também à sombra dos (neo) colonialismos, mostra que as políticas de valorização de idiomas de prestígio, como o inglês, o espanhol e o português, acabam construindo discursivamente as línguas indígenas como

secundárias. Esse fato sublinha um “desprestígio (ou um racismo) social e cultural” que está diretamente relacionado ao descrédito linguístico associado pela comunidade geral de estudantes a essas línguas nativas.

Tomar o contexto como referência para se acessar uma visão êmica do mundo é uma prática fundamental no processo de fazer circular vozes. É assim que o trabalho de Mileide Terres de Oliveira, *Educação indígena: uma atitude positiva pela preservação da língua Rikbaktsa*, mergulha metodologicamente nas comunidades indígenas e visibiliza formas de pensar o destino das suas próprias línguas. Dessa forma, a autora discute competentemente o trinômio “saber-poder-língua tanto do ponto de vista conceitual quanto do ponto de vista empírico”, como coloca um dos revisores desta edição de *Diadorim*. A abordagem da pesquisa revela uma comunidade que, em atitude de resistência, prestigia a sua língua como lugar legítimo de construção do mundo e, portanto, como objeto de reflexão e de estudo na escola.

O promissor horizonte que Ananda Machado e Sandra Maria Franco Buenafuente apresentam em *Fortalecimento e expansão das línguas indígenas Macuxi e Wapichana em Roraima/Brasil* redimensiona o senso comum negativo sobre o *status* das línguas indígenas no Brasil. No artigo, figuram comunidades organizadas envolvidas numa série de atividades que promovem impactos políticos substantivos como i) a cooficialização de línguas indígenas, ii) a proposta de essas línguas figurarem na paisagem linguística da região em sinais e placas, iii) o direito linguístico expresso na elaboração de acordos judiciais em línguas autóctones, por exemplo. Como as autoras afirmam, o trabalho instiga a “formulação de ações e políticas linguísticas que propiciem mudanças culturais e melhoria na qualidade de vida da população indígena e conseqüentemente de todos em Roraima”. Os espaços de resistência concebem, dessa forma, uma interlocução entre línguas hegemônicas e minoritárias, desconstruindo muitas dinâmicas viciosas que ainda alinhavam redes de relações linguísticas em muitos ambientes.

### **Conceitos, contextos e estratégias de ensino**

Nesta seção, cinco trabalhos são apresentados e todos dentro do espaço geopolítico dos BRICS. Reflexões sobre as práticas de sala de aula são fundamentais uma vez que são um dos espaços privilegiados para engendrar mais cidadãos multilíngues que, potencialmente, podem ser mais sensíveis e críticos à diversidade. Os dois primeiros artigos lidam com questões de ensino a partir de uma perspectiva mais conceitual.

Assim é que a discussão de metodologias e abordagens feita por Ana Cristina Bonetti Brasil Soares, em *Do ensino de língua estrangeira à educação bilíngue: uma breve análise da educação para o bilinguismo no Brasil*, oferece-se, de uma de forma clara e didática, como um rico espaço de interlocução, especialmente para os profissionais do ensino em formação. É preciso debater formas de ação educativa em ambientes multilíngues, onde, em geral, forças opostas, como temos visto, entram em conflito, valorizando umas e desvalorizando outras línguas. A autora faz isto a partir de um breve percurso histórico sobre propostas de educação bilíngue, à luz de diferentes metodologias e abordagens, e, assim, ajuda-nos a entrar nessa seara como um primeiro caminho que se abre a muitos outros.

Em proposta conceitual que se lança em projetos, Edleise Mendes, em *Languages as*

*resources: intercultural and inclusive language education at the BRICS scenario*, debate novas formas de entender e ensinar línguas nos espaços contemporâneos de globalização e multilinguismo. Reinterpretar língua como recurso significa assumir uma atitude sensível aos espaços socioculturais nos quais podemos interagir em diferentes línguas em função de necessidades contextuais de variada natureza. Dessa forma, a presença / uso de muitas línguas, fato que já foi enquadrado como um problema, passa a ser visto como um importante recurso, por exemplo, na cooperação pela busca de solução de problemas e conflitos sociais. Neste sentido, a autora discute este conceito no cenário da educação, ressalta a fundamental orientação intercultural para a sala de aula e sublinha o papel das tecnologias digitais como espaços democráticos para o acesso ao aprendizado de línguas. Por fim, oferece-nos dois projetos inspirados nas orientações que defende.

No terceiro artigo, Selvaraj Arulmozi e Mendem Bapuji, em *Learning poverty among primary school pupils: a case study of native (Telugu) and English medium schools of Andhra Pradesh, India*, põem em foco um cenário da Índia a partir de uma leitura que o aproxima de tantos outros espaços do BRICS e além. Ao evidenciar a aprendizagem da pobreza, como fazem, colocam em destaque a falência dos sistemas institucionais, o que, em grande medida, tem relação primariamente com os sistemas linguísticos usados pelas crianças uma vez que estes comumente são desprestigiados no ambiente educacional, desinstituindo-as como sujeitos produtores de sentido no mundo. Concorrem ainda, para este fenômeno, condições socioeconômicas que têm efeitos específicos em diferentes ambientes. O estudo desses dois autores se apresenta como um primeiro passo para identificar e investigar a aprendizagem da pobreza em escolas indianas.

Os últimos dois artigos investigam o discurso do professor como lugar para a geração dos discursos no ensino de línguas. É na microinteração de sala de aula que – em ambiente institucional – políticas linguísticas ganham força ou esmorecem. Assim é que precisam ser pensadas, em nível prático, estratégias discursivas que promovam um acesso crítico a outras línguas e contribuam para engendrar mais cidadãos multilíngues sensíveis à diversidade.

Sara Santos, em *Promover o multilinguismo: uma abordagem por tarefas - desempenho oral e o papel da proficiência*, analisando a elaboração de estratégias didáticas para o ensino de português como língua não-materna na China, elege discutir a tarefa como prática social de sala de aula. A tarefa, por ter como fundamento a interação linguística de forma contextualizada, possibilita aos estudantes uma experiência linguística e sociocultural significativa e eficiente na sala de aula e, portanto, pode concorrer para a promoção crítica do multilinguismo. O seu trabalho se volta para microações que escrutinam os passos e elementos constituintes da organização das tarefas e a sua relação com a proficiência na produção oral dos alunos, condição básica para as relações humanas num mundo global.

Rui Mengqing e Roberval Teixeira e Silva, na mesma perspectiva e também situados na China, colaboram com a discussão de estratégias discursivas específicas na promoção de falantes multilíngues, escolhendo a tradução pedagógica como foco de estudo. A tradução é um dos símbolos do contato entre sujeitos que falam diferentes línguas e “um recurso linguístico que faz parte dos fenômenos que constituem o multilinguismo”. Assim, em *A tradução pedagógica*

*em interações de sala de aula de português em Macau, China: recursos para o multilinguismo*, procuram enquadrar esta estratégia discursiva como motivadora para a organização sequencial da fala em interação e para a construção da intersubjetividade, o que, segundo os autores, são aspectos fulcrais para a construção do conhecimento linguístico. Consideram ainda que valorizar a tradução como espaço de interlocução, numa proposta de ensino que tem como base a interação, parece ser uma postura que não ignora o evidente multilinguismo presente em salas de aula de Português na China e, portanto, estimula e reconhece a colaboração de várias línguas no ensino-aprendizagem.

### **Projetos de visibilização e convivência**

O último grupo de artigos aprofunda questões altamente pertinentes para a discussão de políticas linguísticas para o multilinguismo. Os trabalhos apontam, de forma cuidadosa, aspectos a se ter em consideração na elaboração de projetos pela preservação e internacionalização de línguas. Trazem contribuições teórico-metodológicas e explicitam também etapas no empreendimento desses projetos.

Evgeny Kuzmin, em *Policies for preservation of indigenous languages: actors and responsibilities*, desenvolve uma argumentação criteriosa que provém de uma experiência efetiva em discussões globais sobre a preservação de línguas e a valorização do multilinguismo nos espaços cibernéticos. Uma das preocupações do artigo é a de defender a preservação da diversidade cultural, concebendo sociedades baseadas na inclusão e valorizando todas as línguas, inclusive as maiores. A identificação dos atores sociais que precisam estar envolvidos nesses projetos e a indicação das suas responsabilidades são instrumentos teórico-metodológicos que contribuem para corporificar novos projetos pelo mundo. O autor evidencia ainda que nenhum projeto terá sucesso se não houver o envolvimento dos membros das comunidades – e não apenas o engajamento de líderes - em um esforço “intelectual e emocional” conjunto para o desenvolvimento das suas culturas / línguas.

Também tomando como base o ciberespaço, Anatoly Zhozhirov e Borisova Isabella Zakharovna, em *Internationalization of languages and culture of indigenous peoples of the Arctic in the global internet*, apresentam, neste artigo, um projeto específico para a preservação de línguas indígenas. Acorados na sua experiência na Rússia, defendem que o processo de globalização, muito calcado na internet, promove um choque na construção de identidades locais. No mercado global, há um profundo desequilíbrio na representação de línguas e culturas, colocando muitas em posição de alto risco. Os autores buscam, assim, discutir formas de atuar contra esse desequilíbrio, apresentando o projeto de um portal multilíngue cujo objetivo é o de visibilizar no ciberespaço as línguas/comunidades/culturas do Norte e do Ártico. O último artigo, assim, veicula um projeto preocupado com a internacionalização e a visibilidade de línguas e comunidades no ciberespaço que ainda não é tão multilíngue como deveria ser.

## Um clássico traduzido

Para concluir a publicação, reservamos espaço para a tradução de um texto clássico: *Interlíngua* de Larry Selinker. Um dos possíveis instrumentos de análise para discutir a geração de comunidades e sujeitos que podem atuar em diferentes línguas é o conceito de *interlíngua*. A importância desse conceito é a de ter aberto caminhos para reflexões cada vez mais sofisticadas no sentido de examinar os processos pelos quais passamos na aprendizagem de outras línguas. Então, é importante que linguistas e professores em formação tenham acesso a textos originais para entender a evolução da área de linguística aplicada no campo do ensino-aprendizagem de línguas. Phellipe Marcel e Décio Rocha oferecem-nos, assim, a primeira tradução em português para este texto clássico.

Para finalizar esta apresentação, manifesto meu agradecimento pela confiança de todos os autores e pelo trabalho árduo dos pareceristas. Deixo também um agradecimento especial, em nome da Cátedra UNESCO e dos autores, às editoras da *Diadorim*, Eliete Silveira, Marcia Machado e Danielle Gomes, que acolheram prontamente a nossa proposta. A nossa edição foi desenvolvida em meio a um marcado momento pandêmico, que, entretanto, não se tornará um pandemônio porque, como neste volume se defende, estamos aqui abrindo espaço para soarem muitas vozes.

Roberval Teixeira e Silva

Professor do Departamento de Português da Universidade de Macau (UM)

Coordenador institucional na UM da *CÁTEDRA UNESCO em Políticas Linguísticas para o Multilinguismo*







## PRESENTATION

### ***OTHER LANGUAGES AT A GLANCE: PLURAL VOICES***

The contemporary world, especially urban centres, has been trans-constructed by a kaleidoscopic diversity of individuals / communities / languages / contexts. Multilingualism, therefore, has become inevitably evident as a constitutive aspect of many socio-cultural realities.

This dossier, proposed by us on behalf of the *UNESCO CHAIR ON 'LANGUAGE POLICIES FOR MULTILINGUALISM'* (<http://www.unescochairlpm.org>), seeks to discuss scenarios involved in multilingualism in different spheres of life: in teaching; translation and accessibility; transculturalisms; language policies; migration and mobility; territories and borders; internationalization, globalization, and superdiversity; information technologies...

We at the Chair, assuming the responsibility of discussing multilingualism in the world, opened a space for interlocution between experienced and young researchers around the globe by creating, in this issue of *Diadorim*, an exchange forum for the construction of knowledge.

Also responsible for the organization and nature of this publication is my geographic-symbolic positioning in Macao, which is the result of my history of mobilities in different socio-cultural, political, and linguistic contexts.

When I arrived in Macao SAR (Special Administrative Region) in 2005, I came into contact with families from Portuguese-speaking countries whose children, more especially, lived and have been living an intense circulation in different texts / contexts / discourses, and, therefore, they have been experimenting the world attached (or not) to many communities / cultures / languages on a daily basis. Either speaking or, at least, listening to many different languages was and has been part of the daily experience of these young people.

I found out later that those who would be my students in the Portuguese Department at the university - with their various Chinese and other Asian cultural backgrounds - also lived and have been living a daily experience involved in multilingualism: in fact, it is and it was quite rare to have a university student who has not built his or her realities by at least two Chinese languages and English.

But I would like to highlight a special phenomenon here: in one of the first gatherings with Brazilians who lived in Macao, I met a Brazilian family whose son had been born in Macao. The phenomenon before me was the fact that, at the dinner table, when the boy turned to one side - where there were Portuguese citizens - he spoke in a way that we usually identify with - based on intuition - the Portuguese language from Portugal. When he turned to the other



side, where there were Brazilians, his speech changed to what we call - also based on intuition - the Brazilian Portuguese language.

This was a fact that caught my attention because, as unpretentious adults, we say that we speak the same Portuguese language. However, for this child, this absolutely was not a truth. The child perceived the Brazilian Portuguese and the Portuguese from Portugal as two distinct languages. Furthermore, at the same dinner, he spoke Cantonese with the Chinese friends present and English with other guests. Yes, he was a talkative child, and, yes, it was a space elaborated in transculturality: a multilingual (and interlingual) dining table in which different contexts were created at a glance. This micro-scene, however, is not a type of scenario we could generalize in Macao or in most places of interaction in the world: the languages that perform (or that can be performed) social actions undergo a hierarchical process that excludes many languages (and forms of languages) created by the communities that here cohabit; thus, the individuals are discouraged from developing what has been called individual multilingualism despite the city's explicit multilingualism itself; and, even in Portuguese, the choice of a specific Portuguese language as the only and legitimate one - especially in teaching environments - erases all others that are around, pulsating and evident in the construction of the city.

About this phenomenon, we point out that, generally speaking, the multilingual reality is considered only based on the existence of the traditionally so-called languages, conceptualized as isolated blocks. However, there is little exploitation of multilingualism that we live in “the same language”, like the example I gave above. This phenomenon has already been described with terms such as registers, varieties, and dialects. If these concepts serve for a type of descriptive reflection on what we call “language”, they also cover the fact that they constitute sociocultural portraits that, on one hand, share socio-cultural contexts and, on the other hand, create very diverse environments that are not always mutually comprehensible. We consider that registers, varieties, and dialects are, in a cultural perspective, different languages learned in the socialization process. Thus, we use them as repertoires and resources in different environments of interaction. In this sense, we understand that there is a multilingualism, not yet assumed, in the different linguistic contexts that we end up homogenizing and ignoring when treating these differences simply as parts of the same language. The recognition of all these “languages”, we believe, can be an illuminating tool to deal with them, for example, in terms of teaching, since the value of these speeches helps in the invention of more inclusive actions in educational and social practices. However, such perspectives are not yet an effective part of the imagination of individuals and communities in general, nor of professionals who deal with teaching or even with certain types of descriptions of the language in different contexts.

Going through these reflections is to assume the context as a constituent of linguistic systems (regardless of how they are categorized: languages, dialects, speeches, registers...) that reveal and shape different dynamics in the process of creating realities.

These intersected, segmented or transconstructed realities, which need to be evident for all of us at a glance, are the pillars that motivate the production of the articles and the translation presented here.

## THIS VOLUME CONTRIBUTIONS

A set of fourteen articles and a translation perform this issue of *Diadorim*. There are many voices here, and many proposals for more voices to resonate are also presented. There are many communities, many languages, many cultures that, in general, just cohabit without knowing the existence of the Other(s). In many settings, we are moving towards the ferocious subjugation and extermination of languages, in others, we can witness actions of resistance, in all are revealed dynamics that can teach us about how communities signaled ways to learn how to live with each other... Identities, globalization, language as a repertoire, as a resource, (post/neo)colonialism, discursive teaching strategies, languages in contact, language of inheritance, cyberspace, projects, projections, post-method, achievements, struggles, and different concepts of multilingualism are points visited by the articles; and, because they are multisemic places and, thus, destabilizing, they also point out to other and necessary concepts such as plurilingualism, interlinguism, translanguism, superdiversity, epistemology of borders, pluricentrism ...

The texts are outspoken and easy to read because they are intended to democratize information and generate new knowledge and studies. To facilitate the reading, we have grouped articles into sections. However, either a linear or a random reading will show that the works illuminate each other and are intertwined in concepts and perspectives.

### Circulation and fading out of the voices

In the first section of the journal, we grouped two articles concerned with the circulation and fading out of voices in the multilingual space of Macao and China Mainland.

The article that opens the dossier proposes a crucial discussion on one of the most disastrous characteristics of the relations between community languages in the world: the hierarchy that values some languages, ostracizes others, discriminates some, ignores several, and, on account of this, creates an environment in which individuals-communities-languages turn their backs on each other. “Non-belonging, abandonment and orphanhood” are categories that describe various consequences arising from this hierarchy that builds inequalities through the interdiction of voices. In this context, Monica Simas, in *A literatura no contexto multilíngue de Macau: não pertencimento, abandono e orfanidade (Literature in the multilingual context of Macao: non-belonging, abandonment, and orphanhood)*, recovers literary voices in different languages that were left out of what some conservative initiatives tried to establish (in a single language only) as Literature of Macao. Having access to the diversity of authors / languages / cultures helps us to fictionalize / realize the realities in a fruitful way in order to understand human dynamics that constitute multilingual spaces.

From Macao to China, as a symbol of the intense, but still little explored, Sino-Brazilian relations, Júlio Jatobá, in *Planejamento linguístico familiar na diáspora brasileira: considerações sobre a comunidade brasileira em Dongguan, China (Family linguistic planning in the Brazilian diaspora: considerations about the Brazilian community in Dongguan, China)*, discusses the potential fading out of the voices in the Chinese multilingual environment. The author points out the struggle of Brazilian communities, residing in southern China, to create initiatives that are officially recognized in order to promote Portuguese as heritage language

for their children. The absence of encouraging language policies, both in the host and in the original country, contributes to the emergence of resistance actions engendered by those in charge of education. They create a network of connections in which they seek solutions to guarantee access to the language and culture of Brazil.

### **Threat and preservation of languages: linguistic attitudes**

The following five articles deal with frictions between languages in colonial and neocolonial contexts more directly. Fundamental issues revolve around the complex process of preserving languages in interaction with others that, being hegemonized, threaten others, but also provoke actions of resistance.

In the African context, Gabriel Antunes Araujo, in *Portuguese language expansion in São Tomé and Príncipe: an overview*, unveils a set of ideological gears responsible for the sociolinguistic configuration in São Tomé and Príncipe that positioned the Portuguese language in a hegemonic and totalitarian place. The author argues that the historical-colonial and neocolonial construction of Portuguese, undertaken by official linguistic policies and made concrete by the diffusion of Portuguese through teaching and the media, for example, built the language as an element of unification of the country, a fact that, as a consequence, has been destroying São Tomé's linguistic diversity, as data from recent censuses seem to indicate.

As opposed to what Araujo presents, in *Language vitality and transculturalization of European immigrant minorities: Pomeranian in Brazil*, Monica Maria Guimaraes Savedra, showing the Pomeranian route from Germany to Brazil, seeks to empower this language of immigration by proposing "a Portuguese-Pomeranian bilingual literacy". Concepts such as transculturality, belonging, autochthonousness, and territoriality help to defend the idea of engendering bi-plurilingual individuals due to the vitality of this immigration language that the author characterizes both as neo-autochthonous and as heritage. This plurality of categorizations highlights the context as a core reference to understand the dynamics between languages in this Brazilian context.

Based on an investigation with young students from a Brazilian city, Patrícia Graciela da Rocha and Fabiana Biondo, in *Multilinguismo e atitudes linguísticas de estudantes de Miranda-MS (Multilingualism and linguistic attitudes of students from Miranda-MS)*, draw a panorama on how the languages that circulate in this multilingual region are perceived by these young speakers. It is another article that, also under the shadow of (neo)colonialisms, shows that at the same time that some language policies enhance prestigious languages, such as English, Spanish and Portuguese, they also end up building discursively the indigenous languages as secondary, and disposable. This fact underlines a "social and cultural discredit (or racism)" which is directly related to the linguistic discredit associated by the general community of students to these native languages.

Taking the context as a reference to access an emic vision of the world is a fundamental practice in the process of letting circulating voices. This is how Mileide Terres de Oliveira's work, *Educação indígena: uma atitude positiva pela preservação da língua Rikbaktsa (Indigenous*

*Education: a positive attitude towards the preservation of the Rikbaktsa language*), immerses methodologically in indigenous communities and makes visible their thoughts about the destination of their own languages. In this way, the author discusses the trinomial “knowledge-power-language competently, both from a conceptual and from an empirical point of view”, as one of the reviewers of this *Diadorim* issue puts it. The approach of her research reveals a community that, in an attitude of resistance, consider their language as a legitimate place for the construction of the world and, therefore, as an object of reflection and study at school.

The promising horizon that Ananda Machado and Sandra Maria Franco Buenafuente present in *Fortalecimento e expansão das línguas indígenas Macuxi e Wapichana em Roraima/ Brasil* (*Strengthening and expanding the Macuxi and Wapichana indigenous languages in Roraima / Brazil*) redefine negative common sense about the status of indigenous languages in Brazil. In the article, they introduce organized communities involved in a series of activities that promote substantive political impacts such as: i) the co-officialization of indigenous languages, ii) the proposal for these languages to appear in the linguistic landscape of the region in signs and plates, iii) the linguistic rights expressed in the elaboration of judicial agreements in indigenous languages, for instance. As the authors argue, the work prompts the “formulation of linguistic actions and policies that promote cultural changes and improve the quality of life of the indigenous population and, consequently, of everyone in Roraima”. The spaces of resistance conceive, in this way, a dialogue between hegemonic and minority languages, deconstructing many vicious dynamics that still aligned networks of linguistic relations in many environments.

### **Concepts, contexts and teaching strategies**

In this section, five works are presented and all within the geopolitical scope of the BRICS. Reflections on classroom practices are essential since these are privileged settings to generate more multilingual citizens who can also, potentially, be more sensitive and critical to diversity. The first two articles deal with teaching issues from a more conceptual perspective.

Hence, the discussion of methodologies and approaches made by Ana Cristina Bonetti Brasil Soares, in *Do ensino de língua estrangeira à educação bilingue: uma breve análise da educação para o bilinguismo no Brasil* (*From foreign language teaching to bilingual education: a brief analysis of education for bilingualism in Brazil*), is offered, in a clear and didactic way, as a rich space for discussion, especially for education professionals in training. It is fundamental to debate forms of educational actions in multilingual environments, where, in general, opposing forces, as we have seen, come into conflict, valuing some languages, and diminishing others. For that, the author shares a brief historical journey about different proposals for bilingual education in the light of different methodologies and approaches. This journey helps us to enter this field as a first path that opens up to many others.

Through a conceptual proposal launched in projects, Edleise Mendes, in *Languages as resources: intercultural and even language education at the BRICS scenario*, discusses new ways of understanding and teaching languages in contemporary settings of globalization and

multilingualism. Reinterpreting language as a resource means assuming an attitude that is sensitive to socio-cultural spaces in which we can interact in different languages, depending on the contextual needs of varying nature. Thus, the presence / use of many languages, a fact that has already been framed as a problem, comes to be seen as an important resource, for example, in the cooperation for solving social problems and conflicts. In this sense, the author discusses this concept in the education scenario, highlights the fundamental intercultural orientation for the classroom practice, and underlines the role of digital technologies as democratic means for access to language learning. Finally, she offers us two projects inspired by the guidelines she defends.

In the third article, Selvaraj Arulmozi and Mendem Bapuji, in *Learning poverty among primary school pupils: a case study of native (Telugu) and English medium schools of Andhra Pradesh, India*, focus on a scenario of India from an interpretation that can serve as a basis for discussing many other contexts in the BRICS and beyond. By highlighting the process of learning of poverty, as they do, they expose the failure of institutional systems. This failure, to a large extent, is primarily related to the linguistic systems used by children when they start their school period. Usually, the languages that they have learned and that they bring to the schools are commonly discredited in the educational environment, a fact that neglects them as competent producers of meaning in the world. Besides the sociolinguistic issue, socioeconomic conditions, that have specific effects in different environments, also contribute to this phenomenon. The study of these two authors presents itself as a first step to identify and investigate the “learning of poverty” in Indian Schools.

The latter two articles investigate the teacher’s discourse as a place for the generation of discourses in language teaching. It is in the micro-interaction of the classroom that - in an institutional environment - language policies gain strength or wane. Thus, discursive strategies that promote critical access to other languages, and contribute to engendering more multilingual citizens sensitive to diversity, need to be considered at a practical level.

Sara Santos, in *Promover o multilinguismo: uma abordagem por tarefas - desempenho oral e o papel da proficiência (Promoting multilingualism: a task-based approach - oral performance and the role of proficiency)*, by analyzing the development of didactic strategies for teaching Portuguese as a non-native language in China, chooses to discuss the task as a social classroom practice. The task, since it is based on contextualized language activities, enables students to have significant and effective linguistic and sociocultural experiences in language classes and, therefore, can contribute to the critical promotion of multilingualism. Her work focuses on micro-actions that scrutinize the steps and elements that make up the organization of tasks and their relationship with proficiency in students’ oral production, a basic condition for human relations in a global world.

Rui Mengqing and Roberval Teixeira e Silva, in the same perspective and also located in China, collaborating with the discussion of specific discursive strategies in the promotion of multilingual speakers, choose pedagogical translation as the focus of study. The translation

is one of the symbols of contact between individuals who speak different languages, and it is “a linguistic resource that is part of the phenomena that make up multilingualism”. Thus, in *A tradução pedagógica em interações de sala de aula de português em Macau, China: recursos para o multilinguismo (Pedagogical translation in Portuguese classroom interactions in Macao, China: resources for multilingualism)*, they seek to frame this discursive strategy as a motivator for the sequential organization of the discourse in interaction and for the elaboration of intersubjectivity, which, according to the authors, are key aspects for the construction of knowledge. They also consider that valuing translation as a space for interlocution, in a teaching proposal that is based on interaction, seems to be a posture that does not ignore the evident multilingualism present in Portuguese classrooms in China and, therefore, encourages and recognize the collaboration of several languages in the process of teaching-learning.

### **Visibility and coexistence projects**

The last group of articles delves into highly relevant issues for the discussion of language policies for multilingualism. The works carefully point out aspects to be taken into account for the elaboration of projects aiming at the preservation and internationalization of languages. They discuss theoretical and methodological contributions and also explain stages for the implementation of these projects.

Evgeny Kuzmin, in *Policies for the preservation of indigenous languages: actors and responsibilities*, develops a careful argument that comes from an effective experience in global discussions on the preservation of languages and the enhancement of multilingualism in cyberspaces. One of the concerns of the article is to defend the preservation of cultural diversity, conceiving societies based on the inclusion and valuing all languages, including the largest ones. The identification of the social actors who need to be involved in projects of this nature and the indication of their responsibilities are theoretical and methodological instruments that contribute to embody new projects around the world. The author underlines that no project will be successful without the involvement of the members of the communities - and not just the engagement of leaders - in a joint “intellectual and emotional” effort for the development of their culture / languages.

Also taking in to account the cyberspace, Anatoly Zhozhikov, and Borisova Isabella Zakharovna, in *Internationalization of languages and culture of indigenous peoples of the Arctic in the global internet*, present, in this article, a specific project for the preservation of indigenous languages. Based on their experience in Russia, they argue that the globalization process, very much developed on the internet, promotes a shock in the construction of local identities. In the global market, there is a profound imbalance in the representation of languages and cultures, placing many in a high-risk position. Thus, the authors seek to discuss ways of acting against this imbalance, presenting the project of a multilingual portal whose objective is to make the languages / communities / cultures of the North and the Arctic visible in cyberspace. The last article, therefore, runs a project concerned with the internationalization and the visibility of

languages and communities in cyberspace, a place not yet as multilingual as it should be.

### A translated classic

To conclude the publication, we reserved space for the translation of a classic text: *Interlanguage* by Larry Selinker. One of the possible instruments of analysis to discuss the generation of communities and individuals that can act in different languages is the concept of *interlanguage*. The establishment of this concept has opened paths for the development of increasingly sophisticated reflections in order to exam the processes we go through when we are learning other languages. Therefore, linguists and teachers in training must have access to original texts to understand the evolution of the area of linguistics applied in the field of teaching and learning of languages. Phellipe Marcel and Décio Rocha, thus, offer us the first translation in Portuguese for this classic text.

To conclude this presentation, I would like to express my thanks for the trust of all the authors and the hard work of the reviewers. I also would like to give special thanks, on behalf of the UNESCO Chair and the authors, to the editors of *Diadorim*, Eliete Silveira, Marcia Machado, and Danielle Gomes, who promptly welcomed our proposal. We developed the whole edition in the midst of a marked pandemic moment, which, however, will not become a pandemonium because, as this volume supports and defends, we are here opening room for many voices to sound.

Roberval Teixeira e Silva

Professor at the Department of Portuguese, University of Macau (UM)

Institutional coordinator at UM of UNESCO Chair on *Linguistic Policies for Multilingualism*

